

# Descolonização e Democratização

## Factores actuantes na formação da nova imagem de Portugal no exterior

**Manuel Lourenço Neto**

À primeira vista poderá parecer que o curto espaço de dez anos, não é ainda o tempo histórico bastante, que permita julgar na sua plenitude, a importância da descolonização e da democratização como acontecimentos históricos da mais alta significação; e, por isso mesmo, factores actuantes na formação da nova imagem de Portugal e dos portugueses, no exterior.

Todavia, para melhor se avaliar a importância desses acontecimentos, indutores naturais na formação da imagem de Portugal, toma-se necessário por antítese, recuar um pouco no tempo, e, buscar na persistente propaganda desenvolvida ao longo dos anos pelo regime deposto a 25 de Abril, a real importância que a descolonização e a democratização passam a assumir, no processo formador dessa nova imagem.

Os governos do passado - de Salazar e Marcelo Caetano - tiveram sempre uma acentuada preocupação em resguardar a imagem do regime no exterior, de maneira que as suas políticas, de absoluto cerceamento das Liberdades democráticas em Portugal, e da abominável dominação colonialista na África, ficassem a salvo de qualquer forma de cotejo, contestação ou agravo; quer a nível de governos, quer por parte da opinião pública, como força de pressão, capaz de influir junto dos seus governos.

O Colonialismo português, estruturado no Estado totalitário fascista, adulterava a tal ponto a realidade objectiva, que, por força da adulteração e mitos que criava, passou a alimentar a pretensão de passar aos olhos do mundo, como uma Ditadura bem «comportada», e que praticava na África uma colonização «humanista» e «civilizadora», onde nem sequer havia lugar para a discriminação racial. Era o que popularmente se chamava de «política para inglês ver»!... E, o curioso é que os ingleses viam enquanto os Povos, português e africano, sofriam.

Se, na Europa, o ingresso de Portugal na geopolítica dos «blocos» e da «guerra fria» garantia ao colonialismo fascista a tolerância e o apoio à sua política, era no Brasil que o Salazarismo melhor se achava implantado para levar a cabo o seu projecto de aliciamento e propaganda, que, mais do que o emolduramento da sua imagem, propunha-se alcançar o apoio que desse respaldo à sua política, a todos os níveis.

A existência de uma numerosa colónia de portugueses no Brasil, bem estabelecida na sociedade local e possuindo a rara particularidade de constituir um expressivo segmento do poder económico, iria permitir ao Salazarismo exercer alguma influência em alguns sectores da sociedade, e, de maneira absoluta, na vasta rede de associações de imigrantes, que o regime havia ajudado a criar; particularmente, através dum órgão de cúpula politicamente instrumentalizado, que era a FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS DO BRASIL.

A tal ponto o Brasil e a rica colónia de imigrantes eram importantes para a sustentação da imagem do Salazarismo e do Colonialismo português, no exterior, que membros do mais alto escalão do regime, não se sabia mais se residiam em Lisboa ou se no Rio de Janeiro. É que a coordenação de tamanha actividade política a serviço do regime, impunha as suas exigências.

Promoções regionalistas, Festivais, Conferências, Saraus, Recepções, tudo regado a «Porto de Honra», transformavam estes acontecimentos (mais sociais que culturais) em espectáculos de exaltação aos mitos que o regime criara. Exaltava-se a «Paz», a «ordem», a «estabilidade do poder», e a «honradez no trato da coisa pública». Tudo isto era exorcizado como virtudes inerentes ao regime. No plano colonialista, vendia-se a imagem dum colonialismo «diferente» dos outros; e o Brasil era citado como exemplo; tentava-se legitimar a colonização portuguesa, em África, com fundamento nas descobertas; até que um dia, por força de um artifício semântico, pretendia-se mudar o curso da História: as Colónias deixariam de ser Colónias, passariam a ser «Províncias Ultramarinas» .

Ainda que pese, de forma negativa, a falsidade das teses e mitos que constituíam o arsenal da propaganda do regime, torna-se necessário reconhecer que foi no Brasil que o Salazarismo logrou alcançar indiscutível êxito, em sua longa «Cruzada» ao sul do Equador.

Entretanto, justo é, também, assinalar que o Povo brasileiro no que tem de mais representativo da sua sociedade - Sindicatos, Associações, Intelectualidade, Profissionais da Imprensa e outros -, manifestaram sempre a sua repulsa ao Salazarismo e ao Colonialismo português, através de manifestações concretas de solidariedade aos povos, português e africano.

### 25 ABRIL/74

A notícia do 25 DE ABRIL chegou ao Brasil, como arribada dum barco, depois duma tempestade ... E, de repente, todos se sentem tripulantes dessa nau. Brasileiros e Portugueses (não muitos), brancos e negros, todos se miram no mesmo horizonte. Todos avistam a mesma Terra - a Liberdade. E muita gente começava a perguntar-se: como era possível um Povo que de há muito havia perdido o rumo das descobertas, de repente, acabava por se descobrir a si próprio, no chão do seu país ! ...

Vinda de Portugal, o 25 DE ABRIL foi a manhã mais fresca que cruzou a linha do Equador, rumo ao Brasil! ...

Toda a Imprensa, Rádio e Televisão passaram a ocupar-se de Portugal, onde, para além da obrigação

de informar tornava-se visível a simpatia de todos, pela restauração da Liberdade e da Democracia, em Portugal.

Através de Colóquios, Exposições, Debates e outros, a cultura portuguesa e a nova realidade, passaram a despertar inusitado interesse nos meios culturais, e na Sociedade brasileira. A Poesia, as Artes e a Literatura, contemporâneas ao fascismo, cujos autores deixaram marcado em suas obras o testemunho do seu tempo, passaram a ser vistas e debatidas nas Universidades e nos Centros Culturais do Brasil.

Para a intelectual idade e a opinião pública brasileiras de nada tinha servido a pregação Salazarista, por melhor elaborados que tive sem sido os sofismas.

É que, degradado no tempo e minado por contradições irreversíveis, o colonialismo e o salazarismo haviam exaurido toda e qualquer capacidade de resposta às evidências da realidade e da História. O Portugal Novo, nascido do 25 DE ABRIL assumia, por sua amplitude, os contornos de uma verdadeira Revolução: Popular, original, democrática e, sobretudo, plena de grandeza humana. Daí, a opinião pública perguntar-se: como era possível um Povo que havia sofrido quase meio século de opressão, altamente repressiva, humilhação e, por fim, a guerra, e que conquistava o poder das mãos dos seus opressores, sem tiros nem vinganças e, ainda por cima, garantia a incolumidade dos seus algozes?

Até esta simbiose, aparentemente contraditória, fazia aos olhos do mundo o 25 DE ABRIL uma Revolução original, num mundo conflituante e que recebe a cada momento estímulos de violência, provenientes de artificiais confrontações ideológicas - produto da guerra-fria.

Tudo isto, associado ao fim da guerra colonialista - que haveria de levar à Independência os Povos africanos - faziam de Portugal uma Nação que se impunha cada vez mais à admiração dos Povos e à respeitabilidade dos governos.

Criava-se, assim, uma nova imagem de Portugal e dos portugueses, no exterior, autêntica e natural, porque os factores actuantes na formação dessa nova imagem, reflectiam, antes de tudo, a vontade soberana dos Povos, português e africano.

A tal ponto Portugal passa a despertar interesse no cenário internacional que alguns dos maiores jornais do mundo, especialmente, do Brasil, estabelecem em Lisboa, conceituados correspondentes.

Sociólogos, Historiadores, e Cientistas Políticos, passam a viver de perto a original experiência portuguesa, creditando, à Revolução iniciada a 25 de Abril, uma concreta contribuição às «transformações sociais pacíficas», à causa da Paz e à Soberania dos Povos Africanos; factos a serem inseridos na Sociologia e na moderna História Universal.

Movimentos internacionais, Congressos e Assembleias que almejam a Paz, a Liberdade e a Aproximação entre Povos e Governos, escolhem Lisboa como sede ou ponto de convergência.

Portugal transforma-se, assim, na «Meca» da Liberdade e, Lisboa, uma espécie de «porto de abrigo» para exilados de toda a parte, especialmente para os cidadãos dos países da América Latina.

Com a entrada em vigor da nova Constituição da República, consagra-se de maneira definitiva a organização do Estado democrático e pluralista, centrado numa inovadora concepção social, onde o Trabalho e os direitos dos cidadãos, passam a ser reconhecidos como vertentes principais duma Sociedade mais justa, moderna e humana. Esta é a IMAGEM DE PORTUGAL E OS PORTUGUESES, NO EXTERIOR que, definitivamente, o 25 DE ABRIL plantou, não obstante decorridos dez anos e alguns atropelos às suas origens e realizações; A IMAGEM, que restituiu aos portugueses do exterior a dignidade de serem Portugueses.

Mas, seria ilusório pensar-se que o 25 DE ABRIL, dada a sua força renovadora e as profundas transformações que produziu no Estado e na Sociedade portuguesa, não teria, também, os seus detractores e caluniadores, mesmo no exterior. E o Brasil seria, obviamente, o desaguador natural dos resíduos do fascismo e do colonialismo, contrariados nos seus interesses ou destituídos dos seus privilégios oligarcas.

No Brasil, continuava montada toda uma estrutura que permitiria, ainda, aos resíduos do fascismo e do colonialismo desenvolver a conspiração difamatória contra o 25 DE ABRIL e a jovem Democracia Portuguesa.

O Salazarismo «caipira», revigorado na presença física dos seus ideólogos redobrava, agora, em esforços, usando a sua real capacidade de influir nos meios de comunicação, para, assim, contestar e difamar o 25 DE ABRIL e os Homens que nele tiveram participação marcante. E, nessa campanha não se poupavam, até, os Poderes constituídos da República, legitimados na vontade soberana dos portugueses, manifestada livremente nas umas. E, o curioso é que funcionários da Representação oficial do Estado, cuja tarefa específica seria a de defender as instituições e os seus ocupantes, em nenhum momento apareciam para responder às calúnias, como seria do seu dever.

Entretanto, às investidas reaccionárias dos respeitáveis «Comendadores» e seus mestres, a opinião pública brasileira respondeu sempre, (e continua respondendo), com a solidariedade e a acção participativa em todos os assuntos e acontecimentos que digam respeito ao 25 DE ABRIL e, particularmente, à grande festa que todos os anos portugueses e brasileiros realizam nesta cidade do Rio de Janeiro.

E, todos os anos, as portas tias mais importantes casas de espectáculos se abrem de par em par ; Centros culturais, intelectuais, actores, músicos e artistas, todos da maior expressão brasileira, e até internacional, oferecem espontaneamente e gratuitamente a sua arte, na certeza, que estão-se incorporando à grande Festa dum Povo que fez do 25 DE ABRIL a sua LIBERTAÇÃO, redimindo-se, assim, dum colonialismo que não era seu.

Seria de se perguntar em forma de indagação: que estranha força (quase magia) encerra o 25 DE ABRIL que pré-dispõe as pessoas de todas as cores, de outras nações, à Doação, à Solidariedade e à Amizade Fraternal, não obstante dez anos decorridos?